

DIÁLOGOS PARA A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

Janaína Rodrigues de Jesus¹

Universidade Federal de Sergipe

LaboMídia/UFS

Paula Aragão²

Secretaria Municipal de Educação de Graccho Cardoso/SE

Programa de Pós-graduação em Educação Física/UFSC

LaboMídia UFS/UFSC

RESUMO: Este trabalho trata-se de uma breve revisão bibliográfica daqueles que contribuíram com a consolidação dos estudos em Sociologia do Esporte no Brasil, apontando alguns fatores preponderantes para o desenvolvimento dessa área bem com suas áreas temáticas tendo como base principal a obra de Valter Bracht, *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*, voltada para uma discussão com a área da Educação Física. Considerando o esporte como um dos fenômenos mais expressivos do século passado sendo que, “o esporte carrega na sua essência a emoção, como um dos componentes integrantes desses fenômenos modernos.” (SERVULO, 2012). Para uma abordagem consideramos as contribuições e críticas referentes á teorias modernas e contemporâneas tais como: a frankfurtiana, coisificação (alienação) e repressão e manipulação e suas considerações; do marxismo ortodoxo utilizamos a tese da reprodução da força de trabalho “o esporte nesta perspectiva de análise é considerado na verdade, como um dos componentes do tempo livre ou do lazer, abrangendo a problemática mais ampla da relação trabalho lazer” (BRACHT, 2005, p. 57) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias do Esporte, sociologia do esporte, esporte.

INTRODUÇÃO: breve contextualização

¹ Aluna De Graduação Em Educação Física/Def/Ufs (Janablack.Rodrigues@Gmail.Com);

² Professora Mestranda Ppgef/Ufsc (Aragao_Paula@Hotmail.Com).

“ o esporte moderno procura devolver ao corpo uma das partes das funções que a máquina havia lhe roubado. Mas ele procura fazê-lo para colocar o homem de forma mais implacável ainda a serviço da mesma máquina. Ele molda ao corpo tendencialmente à máquina. Por isso, ele pertence ao mundo da não liberdade, independente de onde a gente o organize” (Adorno 1955).

Sabendo-se da difusão meteórica do fenômeno esportivo a nível mundial e da afirmativa que aponta o esporte como um dos fenômenos mais expressivos do século passado, a discussão que se ocupa a sociologia coloca-se diante de questões como a sua origem, as relações entre a cultura e o esporte e entre o esporte e a religião. Estes aspectos influenciaram para que surgisse o campo que hoje é considerado Sociologia do Esporte, visto que ela tenha nascido, por um lado, de interesses especificamente sociológicos e, por outro, a partir de um processo de diferenciação dos interesses no próprio esporte. Gunter Pilz³ identificou em seu texto *Sociologia de Esporte na Alemanha*, obras importantes para o impulso dos estudos que deram origem à Sociologia do Esporte, a partir de uma discussão crítica acerca do fenômeno, mais especificamente do esporte de rendimento, como *Esporte e cultura* de Steinitzer (1910) e o *Sociologia do esporte*, publicado por Risse (1921).

Neste estudo, apresentamos uma breve revisão bibliográfica daqueles que contribuíram com a consolidação dos estudos em Sociologia do Esporte no Brasil, tendo como base principal a obra de Valter Bracht, *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*, voltada para uma discussão com a área da Educação Física. Podemos dizer que o processo de desenvolvimento da Sociologia do Esporte acompanhou o esporte em seu desenvolvimento e consolidação Lovisolo (2006) explica que foi preciso acompanhar os últimos 30 anos a sociologia do esporte, e principalmente com relação ao futebol, e que passou por três viradas centrais: do fundamento no interesse para o da identidade; da função da alienação para a da expressão da autenticidade; da avaliação moral negativa para a positiva.

³ Texto traduzido pelo professor Dr Alexandre Vaz, sem data, disponível em http://www.gpreve.cbmerj.rj.gov.br/documentos/publicacoes/sociologia_do_esporte_na_alemanha.pdf, como consta nas referências.

Enumeramos alguns fatores preponderantes para o desenvolvimento dessa área de estudos que vê um esporte um fenômeno que corresponde indiscutivelmente à lógica capitalista de expansão e que se tornou uma prática hegemônica, conhecida mundialmente, mas de valores humanos questionáveis. Além disso, “o esporte carrega na sua essência a emoção, como um dos componentes integrantes desse fenômenos modernos.” (SERVULO, 2012)

Por isso, destacamos o desenvolvimento da sociologia do esporte através do reconhecimento dessa ciência e a assimilação do fenômeno esportivo como um dos seus campos de trabalho legítimos de pesquisa, em virtude, principalmente, do aumento da instituição do esporte, com a correspondente necessidade de investigação científica, pois o meio acadêmico passou a questionar esse produto social, que acompanha a ótica liberal, e transforma-se em um produto social, impulsionado pela cultura de massa, propiciado pelos meios de comunicação e informação; o meio acadêmico desconfiado da manipulação exercida sobre desejos, necessidades e da própria subjetividade dos indivíduos propunha várias formas de pesquisa para desvendar o que sustém esse fenômeno com a aceitabilidade quase religiosa.

De acordo com Gunter Pilz (sem ano), além dos aspectos anteriores, a sociologia do esporte também teve uma contribuição a partir do incentivo do campo da sociologia e de jovens investigadores interessados por parte de uma série de pesquisadores balizados da sociologia geral, como König, Plessner, Schelsky e Elias e a formação de um comitê de pesquisa específico na Associação Internacional de Sociologia, estes aspectos também contribuíram para o surgimento da Sociologia do Esporte e das suas críticas ao fenômeno que ultrapassou séculos e hoje constitui uma instituição poderosa a nível mundial. Não podemos deixar de nos referir às organizações e eventos⁴ promovidos em seu louvor e que mobilizam atraindo um grande contingente de espectadores. O autor contribuiu nesse sentido para contextualizar o desenvolvimento da Sociologia do Esporte na Alemanha.

Os textos do pós-guerra trazia o esporte como um universo paralelo pertencente à elite, a partir da década de 60 e especialmente 70 ocorre uma revolução literária cujo

⁴ FIFA, COI, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, Jogos Paraolímpicos, Etc.

foco central era a Europa, e grande parte desencadeada pelos movimentos estudantis onde a crítica sociofilosófica tinha como referencial básico o neomarxismo dos frankfurtianos, também conhecida como Teoria Crítica, principalmente de Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Marx Horkheimer e Jürgen Habermas.

CONTRIBUIÇÕES E CRÍTICAS DAS TEORIAS SOCIOFILOSÓFICAS

Na Escola de Frankfurt destacamos algumas teses desenvolvidas para definir como agia o fenômeno esportivo na sociedade. A primeira tese trata da coisificação ou alienação, que basicamente propõem que os homens na prática esportiva não são aquilo que em função de suas possibilidades e sua natureza poderiam ser, pois adquirem as características próprias do desenvolvimento científico, a racionalidade técnica. Por isso, o corpo passa a ser tratado como uma máquina e o treinamento lhe confere estas características, mesmo que para isso não fosse necessário considerar seus aspectos biológicos.

A segunda tese encontrada nessa teoria é apresentada como tese da repressão e manipulação, onde o ser humano é treinado a reprimir seus impulsos em um grau elevadíssimo de repressão a partir de um condicionamento, neste ponto identificamos uma das características principais do desenvolvimento do capitalismo, o princípio do rendimento. De acordo com essa tese, a sociedade moderna altamente tecnologizada, industrializada e desenvolvida, representa um sistema de repressão, dominação e manipulação, aponta Bracht (1997), sem contar com o efeito estabilizador, pois em várias situações na sociedade encontramos a utilização do esporte como fórmula inibidora de impulsos agressivos, de desvio e canalização de impulsos libidinosos, uma atividade alternativa acrítica que acaba por bloquear seu possível efeito social-libertador.

Além disso, a partir dessas considerações e teses acerca do esporte outros estudiosos se detiveram a discutir o fenômeno. Na França destacam-se J-M Brohm, P. Laguillaumie; na Alemanha destacam-se B. Rogauer, G. Vinnai e Böhme. Nessa crítica, em resumo, o esporte é caracterizado por um sistema de ação coisificado em conformidade com o trabalho; um instrumento de repressão e adaptação. Características

que estão em conformidade com o processo com o modo de produção do sistema econômico ao qual está intrinsecamente conectado. Nessa analogia o esporte tem funções de desvio de atenção; desvio de agressividade; desvio das frustrações resultantes do trabalho alienado; atenuador de tensões sociais; efeito estabilizador (repressão sexual); ideologia de igualdade de chances. Mesmo as duas formas de esporte (de rendimento e de lazer) não fogem à regra, acrescenta Bracht:

As funções de desvio da atenção e de ações sociais atenuador das tensões sociais que permitiram uma compreensão para as insuportáveis condições de vida. Tanto o esporte de rendimento quanto o esporte de lazer desviam a agressividade potencial das suas origens sociais para a esportiva. Funções que resultariam em do trabalho alienado e das condições de moradia dirigem-se assim não contra as verdadeiras causas e, sim, são transformadas em agir agressivo no contexto das competições esportivas. Assim, diluem-se as energias necessárias para uma transformação das condições societárias, que são assim inibidas e não acontecem. Todo gol comemorado no esporte é, na verdade, um gol contra a classe trabalhadora. (Bracht 2005, p.)

Quanto à dimensão política da sociabilização através do esporte tem-se que ele está inculcado ao lado da ideologia que o engajamento no mesmo resultaria em um desinteresse político, pois ele direciona a atenção para um interesse quase anestesiador nas competições e seus ídolos, além de aumentar o comportamento nacionalista e proporcionar a estabilidade e reprodução do sistema capitalista.

Rigauer desenvolveu detalhadamente a tese de afinidade entre trabalho industrial e esporte de rendimento;

“o esporte desenvolve-se em interdependência com o processo social global, que acaba determinando suas características, e essas são basicamente: disciplina, autoridade, concorrência, rendimento, racionalidade técnica, organização e burocratização.” (RIGAUER, citado por BRACHT, 1997, p.30)

A tese de Rigauer foi posteriormente ampliada por Vinnai que introduziu elementos da psicanálise em sua abordagem;

“o treinamento esportivo e seu princípio imanente do rendimento seguem o postulado econômico geral internalizado da produção da

mais válida capitalista. Na prática de esportes são compensados fracassos sociais e psíquicos, no entanto, sob o ditado do princípio industrial do rendimento, que em sua transformação especificamente esportiva leva novamente a utilização de estrutura de consciência e comportamento relativos d trabalho, acaba atuando assim, contra o desenvolvimento do ganho do prazer corporal” (VINNAI, citado por BRACHT, 1997, p.32).

Mais algumas considerações para caracterizar o nascimento e o desenvolvimento do fenômeno esportivo foram balizadas por Michel Foucault, em seu discurso sobre corpo de poder. Havia uma coincidência entre as ideias de Adorno e Foucault, pois que demonstraram que a estabilidade das sociedades altamente desenvolvidas é apenas o resultado da capacidade de direção ou comando de organizações administrativas perfeitas, que não existem, diga-se de passagem, a não ser no mundo criado na sátira de utopia por Adouls Houxley, *Admirável Mundo Novo*, no qual havia uma intervenção imparcial dos seus administradores. Para eles estas organizações intervêm, enquanto instituições sociais, nas relações de vida de cada indivíduo, para através da *diciplinação e controle*, através *manipulação e treinamento*, torna-lo um membro sociedade e mesmo não sendo essa sociedade perfeita o poder sobre os indivíduos é implacável.

Considerando que todo esse processo desemboca e influencia o desenvolvimento da Educação Física em todos os sentidos, pois o esporte é ele próprio tomado como sinônimo dessa disciplina fica esclarecido que todas estas características do esporte pressupõe o método e objetivo de ensino da mesma.

“Dentro dessa perspectiva, também a introdução a ginástica/Educação Física escolar, pode ser analisada como parte do processo de diciplinação dos corpos; a constituição de um tipo de corpo exigido pela época. Também o esporte moderno pode ser interpretado como instituição “disciplinadora” do corpo”... “os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismo a que nada ou ninguém escapa, a que nada existe exterior possível, limites ou fronteiras” (BRACHT, 2005, p. 46-48).

De acordo com o autor Foucault apresenta um dilema teórico. Embora tudo pareça, em sua crítica da modernidade, estar baseado no sofrimento do corpo sob as ações disciplinadoras dos modernos aparelhos do poder, não é possível encontrar em sua teoria nada que pudesse articular o sofrimento enquanto sofrimento, no entanto, não

se pode descartar que existem esses poderes e que além de ilimitados, nem sempre se fazem visíveis, principalmente pelo próprio estágio de alienação dos indivíduos.

Mesmo com duplo sentido, como afirma Habermas à categoria poder descrita por Foucault é atribuída,

“por um lado a inocência de um conceito utilizável descritivamente, servindo para uma análise empírica de tecnologias do poder, que, no que diz respeito à metodologia, não se diferencia visivelmente de uma sociologia do conhecimento que historicamente opera de forma funcionalista. Por outro lado preserva a categoria do poder, a partir de sua origem histórica ocultada, também o sendo de um conceito básico teórico constituinte que vai conceder as análises das tecnologias do poder seu significado racional crítico e garantir, assim, a historiografia genealógica e seu efeito desmascarador” (BRACHT, 1997, p. 48).

Quanto à teoria de Foucault para analisar a discussão não é muito fecunda como nos diz o próprio Valter Bracht, mas não podemos deixar de entender o esporte como um fenômeno poderoso que aparece como um elemento da sociedade moderna que exige uma mudança nas formas de compreender os valores sociais existentes. Somos alertados para o não pessimismo ou a descrença, pois não é por isso que se deve combater neuroticamente o sistema que o torna quase intocável, nem mesmo adotar o chavão de juntar-se ao que não se pode vencer, por é puro comodismo.

Outro estudioso do qual buscou-se adequar a sua teoria à discussão sobre o esporte foi Pierre Bourdieu, suas ideias encontram-se principalmente, na relação cultura, dominação, desigualdades sociais, para o qual a cultura não é uma esfera inocente e, sim um meio importantíssimo para a reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista desenvolvida. Nesse ínterim, o esporte como fenômeno da cultura popular, da cultura corporal se faz um instrumento sem precedentes de reprodução do *status quo*.

Tem-se que objetivo da teoria da sociedade Bourdieu era entender a constituição e reprodução da vida social, ele também propunha descobrir os mecanismos que atuam neste sentido. Para isso, desenvolveu um conceito básico o qual chamou de *habitus* “definido como um sistema de disposições, que atuam no cotidiano como esquemas de pensamento, percepção e avaliação ou julgamento, faz a mediação entre estrutura e práxis (formula de reprodução: estrutura-habitus-praxis)” (BRACHT, 2005, p.52).

Na teoria de Boudieu podem-se distinguir as três formas de capital à luz das quais poderia o esporte ser analisado: econômico, social e capital. O teórico observa que o campo das práticas esportivas é o lugar da luta para definição do corpo legítimo, e do uso legítimo do corpo, ele encontra no esporte parte de um campo de luta mais geral pelo monopólio sobre o corpo entre as categorias morais do uso e definições “ascética” e “hedonística” do corpo. Ele confronta o esporte em suas versões popular e elitista, por exemplo, para definir que tipo de luta está presente no embate, aí encontramos uma versão de luta de classes, o esporte espetáculo obedece ao determinismo dos processos econômicos e assim acontece com as demais formas que encontramos para distinguir as facetas da atuação esportiva.

Passemos ao marxismo ortodoxo com a tese da reprodução da força de trabalho “o esporte nesta perspectiva de análise é considerado na verdade, como um dos componentes do tempo livre ou do lazer, abrangendo a problemática mais ampla da relação trabalho lazer” (BRACHT, 2005, p. 57). De acordo com essa teoria, o esporte teria se desenvolvido em estreita ligação com as necessidades da reprodução da força de trabalho, para o sistema de produção capitalista, já que a certo tempo, ele foi e continua sendo oferecido como forma de lazer nos setores trabalhistas, onde a partir das suas características racionalizadas surgem os dois tipos de reprodução:

- 1º-Reprodução simples ou física;
- 2º-Reprodução ampliada da força de trabalho.

Dentre as características mais marcantes adquiridas pelo indivíduo a partir de esporte seria persistência, disciplina, pontualidade, dedicação, submissão às ordens, mas tudo isso seria conseguido através da utilização do esporte em sua versão “lazer” para ludibriar o verdadeiro objetivo dos grandes empresários, os quais estão somente voltados ao faturamento, ao lucro da produção.

OUTRAS QUESTÕES RELEVANTES COMO ÁREAS TEMÁTICAS DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

Encontramos em Gunter Pilz (sem ano) aspectos que precisam ser discutidos ao nos referirmos ao esporte na sociedade atual que une as mais diferentes facetas do fenômeno como:

Esporte e meio ambiente: As modalidades esportivas analisadas quanto à sua relação com o meio ambiente, de modo que as atividades que sejam fortemente nocivas a este (os esportes a motor, por exemplo) sejam até mesmo excluídas da organização esportiva, proibindo-se sua realização. De acordo com o autor:

“ainda o problema do estreito entrelaçamento do esporte e das federações esportivas mais destacadas com as indústrias de artigos esportivos, lazer e turismo, que faz duvidar dos esforços do esporte no sentido de contribuir para a solução dos problemas ambientais. As soluções propostas são tão simples quanto consequentes: é preciso, na medida do possível, trazer o esporte de volta para as zonas de moradia, aumentando lá mesmo as ofertas de prática esportiva, o que por sua vez recoloca, no entanto, o problema da poluição sonora” (GUNTER, sem ano).

Esporte e saúde: A Análise crítica da forma de inclusão do esporte na ideia de um modo de vida saudável, da maneira como ele vai compor a educação para a saúde. Para ele

“a discrepância entre o estereótipo ‘esporte é saúde’ e o que de fato pode ser comprovado empiricamente é muito grande e que não há até agora nenhuma prova convincente que leve à imediata concordância de que quanto maior for a prática esportiva, melhor será a saúde de uma população” (GUNTER, sem ano).

Esporte e violência: A forte defesa das funções sociais e educativas do esporte no sentido de uma educação para o *fair play*, o cavalheirismo, a honradez e a camaradagem. Estes aspectos são totalmente discutíveis no âmbito esportivo, pois, não é preciso muito esforço para encontrar cenas violentas, de agressões físicas e verbais pelos mais diferentes motivos, inclusive preconceito. Portanto, considerar o esporte como fator educativo por si, não soa bem no contexto em que vivemos, onde muitos ainda se iludem com a possibilidade de tê-lo como expurgador dos males da sociedade.

Falamos por fim da contribuição de discussão entre esporte e a mídia atualmente

“A cultura corporal de movimento no mundo contemporâneo alargou-se, as práticas se multiplicaram e pulverizaram: ginástica aeróbica, tai-chi, musculação, wind-surf, hidroginástica, skate, capoeira, street dance, dança-afro, rappel e tantas outras. A denominação “esporte”, sob o **patrocínio das mídias** (pois é preciso facilitar para o grande público o reconhecimento dos produtos), passou a designar essa

diversidade de práticas, as quais já não atendem mais aos critérios clássicos da Sociologia do Esporte que definem o que é esporte: competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde etc. Fala-se em prazer, bem estar, aventura, desafio, natureza, diversão. A Sociologia do Esporte foi subvertida, o fenômeno lingüístico da polissemia, ampliou o significado da palavra “esporte”(...)” (BETTI, 2006,).

Corroborando com Betti (2006) Felipe Canan e Décio Roberto Calegari, em *Fatores determinantes para a relação oferta/demanda do campo esportivo* (2006) afirmam que a sociedade (e, sobretudo a mídia) tem ou cria a necessidade da existência de mitos e heróis, mesmo que temporários, mas que acabam por ser os propulsores de mudanças no *habitus* das pessoas e, acima de tudo, das crianças e jovens.

Assim, o sujeito apenas vai adquirir para si um capital esportivo, se for submetido a estímulos que o façam apropriar-se de tal capital. Se não ver qualquer espetáculo esportivo na televisão, se não for submetido à uma prática esportiva durante o período escolar, se não tiver contato com algum local de prática esportiva, entre outros infundáveis exemplos, o indivíduo não tem como adquirir para si um capital esportivo. Seus capitais social, econômico, cultural, neste caso, não corroborariam para formular um novo capital esportivo.”

“... a mídia em geral e, principalmente, televisão é somada à família, ao treinador e à influência de colegas, como fator de formação de opinião e/ou preferências de determinados grupos constituintes de uma demanda, as instituições desportivas devem levar em consideração o que a mídia apresenta, a fim de adaptar-se às novas e variáveis realidades sociais. Se hoje as práticas culturais tradicionais vêm sendo gradativamente substituídas pelas práticas esportivas globalizadas, é porque a sociedade em geral cada vez mais assume um caráter tecnicista, rendimentalizado e competitivo, em todas as suas manifestações.” (CANAN; CALEGARI, 2006).

“Apesar de todas as dificuldades e barreiras em torno do reconhecimento da sociologia do esporte, “... nem todas as barreiras foram ultrapassadas até hoje. Deve-se isso em grande parte, sobretudo nos dias atuais, ao fato de que as questões e os resultados de pesquisas da sociologia do esporte contradizem, ou no mínimo colocam em questão, aquilo que no mundo dos esportes tradicionalmente é dado como inquestionável, como é o caso do significado e do efeito social do esporte.” (GUNTER, sem ano).

Agentes como a família, a escola, os amigos e a mídia, criando ídolos em forma de atletas, são determinantes na formação de uma demanda. Além disso, fatores como o conhecimento de oportunidades, custos associados, estatutos sociais do esporte, acessibilidade a instalações, são preponderantes na adequação da demanda. Os autores apontam que o lugar que uma pessoa ocupa na estrutura social determina parcialmente as facetas da cultura à qual ela tem acesso. A estrutura social, na qual uma pessoa está situada, tem uma importância decisiva para o seu comportamento desportivo.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. 3 ed. Ijuí: Unijui, 2005.
- BETTI, Mauro. *A Janela de Vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas-SP: Papyrus, 1998, 159 p.
- CANAN, Felipe. ROBRETO, Décio C. Fatores determinantes para a relação oferta/demanda do campo esportivo. *Motrivivencia*. ano XVIII , nº 27.p33-48. dez. 2006.
- GUNTER, A. Pires. *Sociologia de Esporte na Alemanha*. Documento disponível em: http://www.gpreve.cbmerj.rj.gov.br/documentos/publicacoes/sociologia_do_esporte_na_alemanha.pdf. Acessado em: março de 2012.
- LOVISOLO, Hugo. Sociologia do esporte: do iluminismo ao romantismo. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.* São Paulo: Suplemento nº 5, v.20, p. 194-196, set 2006.
- SERVULO, Sergio R. B. *Esporte e emoção: contribuições das teorias de Norbert Elias para compreensão destes fenômenos*. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/7/Trabalhos/xEsporte%20e%20Emocao-contribuicoes%20da%20%20teoria%20de%20Norbert%20Elia.pdf>. Acessado em: março de 2012.